



Publicação

Data

Assunto

Público

25-3-2001

PEÇA TRÊS HORAS ESQUERDAS

56 LOCAL

PÚBLICO • DOMINGO, 25 MAR 2001

Teatro Gil Vicente acusado de violar compromissos

Produtora do
ilusionista Luís de
Matos na origem da
transferência dos
Caminhos do Cinema
Português

NELSON MORAIS

A direcção interina do Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) é acusada de ter desrespeitado os compromissos assumidos com o Centro de Estudos Cinematográficos da Associação Académica de Coimbra (CEC/AAC) e com a companhia teatral Marionet, em benefício da produtora do ilusionista Luís de Matos. Um dos dois directores interinos do TAGV, Francisco Paz, refuta as acusações do CEC — cujo festival de cinema português será, pela primeira vez, parcialmente transferido para outra sala de Coimbra —, mas assume as responsabilidades pelo cancelamento da estreia da Marionet, prevista para 12 de Março.

Vitor Ferreira, da direcção do CEC, garante que, em Novembro passado, a sala do TAGV já estava reservada para a oitava edição dos Caminhos do Cinema Português, que decorre de 31 de Março a 7 de Abril.

Segundo diz, o director do TAGV à época, Abílio Hernandez, “recusou” parte de uma grelha de ocupações do teatro apresentada pela Luís de Matos Produções Lda. (LMPL), por coincidir com o festival nos dias 4, 5 e 6 de Abril. Dada a demissão de Hernandez em Janeiro, Vitor Ferreira responsabiliza os seus substitutos — Francisco Paz e João Maria André, que antes eram vice-directores — pela cedência da sala à LMPL, que obrigou à transferência do festival, naqueles três dias, para o cineteatro do centro comercial Avenida: “Renderam-se ao que o Luís de Matos vai pagar”, acusa Ferreira, referindo-se a uma verba que, segundo o PÚBLICO apurou, ascende a 16 mil contos.

Francisco Paz garante que esta acusação é “completamente falsa”. Conta que a ocupação do teatro por gravações, que terminam em Junho, de um programa de magia que vai ser exibido na RTP ainda foi “marcada” por Abílio Hernandez, mas antes de este ter recebido o pedido de reserva do CEC. A direcção interina fez “apenas a gestão daquilo que estava decidido”, justifica Paz. Quanto ao facto de ter sido o próprio Gil Vicente a procurar e a ne-

gociar um espaço alternativo para a exibição de filmes daquele que é o único festival de cinema exclusivamente português, o director interino diz que ele demonstra “apenas boa vontade”.

Em declarações ao PÚBLICO, Abílio Hernandez confirmou que, quando recebeu a grelha de ocupações da LMPL, “já havia o compromisso com o CEC”, pelo que recusou as datas apresentadas, propondo uma nova calendarização à produtora, que “não [lhe] respondeu”. Acrescenta que foi já depois da sua demissão que a direcção interina aprovou a grelha, a pedido da produtora, que alegou a impossibilidade de alterar as datas inicialmente previstas, por constrangimentos das equipas de filmagens da RTP. O próprio Hernandez admite que, se ainda fosse director, “também era capaz de sentir a obrigação de assinar o acordo [com Luís de Matos]”. O que justifica ao fazer notar que, para programação, o TAGV recebe, anualmente, apenas 15 mil contos do Ministério da Cultura e 10 mil da Câmara de Coimbra.

Em relação ao cancelamento da estreia da peça “Três Horas Esquerdas”, da Marionet, Paz dá razão ao fundador desta companhia e ex-actor de A Escola da Noite, Mário Montenegro. Este acusa o TAGV de não ter conseguido colocar a sala nas “condições normais”, após uma sessão de gravações do futuro programa televisivo que implicou alterações na estrutura e cor do palco. ■